



Gaiato

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

27 de Março de 1999 • Ano LV - N.º 1436
Preço 40\$00 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239



MALANJE

Contraste flagrante

8/2/99

HOJE o céu é um grande capacete escuro. Deve haver fios de ouro no cocuruto das nuvens.

Defronte aos armazéns da Cáritas, uma multidão enorme espera. Espera sempre... Dias inteiros... até chegar a vez da porção de farinha de milho e óleo, ou só milho. Uma resignação e passividade impressionantes! Grande Missa campal onde os filhos de Deus esperam comungar os grãos de milho.

Agora, de tarde, espero no Aeroporto, vazio de aviões e de pessoas, uma boleia num avião militar. Através do arame fardado, no lugar dos vidros das janelas, olho a grande placa de paragem dos aviões. Três corvos (são quase domésticos estes corvos!) poisam junto duma covinha de água onde bebem. Levantaram e cortando o ar avivaram este silêncio que assusta.

9/2/99

NO pátio de terra fértil, debaixo dum terraço, nasceu um arbusto de caule herbáceo e folhas largas. Cresceu e ficou viçoso. Chegou à placa e lentamente a polpa amaranhou. As folhas estão definhando. Vai morrer.

Imagem nítida deste povo sem acesso à luz e à vida.

Passsei, hoje, pelo nosso arbusto... Continua a lutar! Quanto eu gostava de romper esta placa, estúpida e fria!

11/2/99

LUANDA:

O vendedor de rua passou com dois ramos de flores de plástico... Papel pintado! E, logo, a lembrança de muitas igre-

jas nas aldeias transmontanas onde, no Inverno, as mesmas flores se agitam ao vento que entra pelos vidros partidos. Uma sensação de desconforto. Há poeiras no ar. Nos passeios, uma multidão de passos numa incessante luta pela sobrevivência.

Rádios falam de samba e carnaval. Convidam mesmo à dança e à folia... Belo!, digo, contraste flagrante com o sofrimento de milhares de refugiados e milhares de vítimas da guerra.

Como é que?

«Carnaval nas ruas é o quê?»

Uma grande cuspidela no rosto dos que sofrem.

Padre Telmo

CALVÁRIO

Uma luz na noite

A noite caiu. O bulício do dia deu lugar ao silêncio. Os doentes recolheram aos leitos. Os pássaros, também eles, se sumiram não sei bem para onde. A paz destas horas é reconfortante.

Na copa ainda vejo uma luz. Entro e dou com a pequena Cecília, mongolóide, a Rosa infantil e a Carmo no seu carro de rodas. Enquanto aquelas lavam a louça, esta, arqueada mas atenta, dirige o trabalho. Nenhuma delas conseguiria levar ao termo esta tarefa; as três juntas conseguem-no.

Ao vê-las, serenas mas responsáveis, recordo o desabafo de alguém que passou:

«Aqui há algo de transcendente, de divino!»

Tentar entender Deus seria reduzi-LO. Ele não cabe nas nossas categorias mentais. Mas andar atento quando Ele Se manifesta é caminho certo para O encontrar.

Deus é Espírito. E a vida do homem é, muitas vezes, manifestação desse Espírito, porque aquele foi criado à imagem de Deus.

Quando o homem age por critérios terrenos, o Espírito está ausente. Os frutos do labor humano são limitados, transitórios e, às vezes, negativos ou até redutores.

Continua na página 4

Páscoa

NO Tempo Pascal, o ofício de Vésperas das quintas-feiras vai buscar à 1.ª Carta de S. Pedro, a sua lição breve. Os dois versículos tomados do capítulo terceiro, o 18 e o 22, marcam os dois tempos da Acção Regeneradora para a qual o Filho de Deus Se fez Homem «a fim de oferecer os homens a Deus». Fez-Se Homem para ter uma carne capaz do sofrimento e da morte, para ter uma vida que Ele podia dar e retomar — e deu e retomou. Com efeito, «Cristo morreu por causa dos nossos pecados» (para nos abrir caminho de libertação deles e nos conduzir ao Pai) «semel». *Semel* é a palavra latina que quer dizer *uma só vez*, uma vez que vale *para sempre*. Na verdade, a Paixão e Ressurreição de Jesus foram *uma só vez*.

Geralmente ficamos por aqui, na contemplação do Mistério da Páscoa — *Pasagem da vida à Vida pela morte*. Uma vida que o Filho do Homem assumiu na Encarnação para poder cumprir o Projecto Salvífico do Pai e que retomou na Ressurreição. É artigo de Fé que o Filho de Deus, eterno convivente do Pai, está, a partir da Ascensão, «à

direita de Deus» na Sua natureza de Filho do Homem.

Ficar por aqui é ficar apenas num primeiro tempo de uma Acção que continua e continuará até ao fim dos Tempos. Cristo não está inactivo, «à direita do Pai», fruindo a glória que Lhe pertence como Filho de Deus. Como Filho do Homem, «ingresso no Céu, depois de ter recebido a submissão dos Anjos, dos Principados e das Potestades», Ele permanece «*deglutiens mortem*», mastigando a morte, «para que

nos tornemos herdeiros da Vida Eterna».

Também este tempo é Pascal, também ele é *passagem*, pois cessará no fim dos Tempos. Mas, até lá, é sempre Páscoa o tempo dos homens, que A celebram em cada Eucaristia.

Tempo de alegria e de acção de graças, que nem por isso deixa de ser tempo de luta e de contradições em que os homens se encontram envolvidos e que exigem de cada um a compaixão, «a sua parte no completar da Paixão de Cristo», para que, «mortificados na carne» como Ele, sejamos com Ele «vivificados no espírito».

Continua na página 3

Festas

Coimbra

AS nossas Festas estão quase à porta! São ocasião de um grande Encontro de Amigos, como sempre lhe havemos de chamar. Os artistas e actores: os Rapazes! Os pequeninos e os grandes: a Família. O tema deste ano: «O sonho de Pai Américo». Nunca será demais recordar o sonho dele. Sonho que ele mesmo procurou realizar com a sua vida de entrega aos Pobres. Sonhou e fez sonhar. Aí está a multidão de Amigos que ao longo destes anos todos acompanham com carinho especial o trabalho educativo das Casas do Gaiato. Gente que se sente impelida e se inquieta com a sorte dos mais desprotegidos da nossa sociedade.

São um momento sacrificado para os rapazes. Não queremos que a sua preparação perturbe a *obrigação* mais importante da maioria que é o estudo. Portanto, sabemos que exige mais algum esforço da parte de todos. Um grupo de Amigos colabora nos ensaios, na pintura de cenários, na própria organização. É uma ajuda preciosa. Sentimos em todos grande entusiasmo e generosidade. Assim seja! O mesmo experimentamos na marcação das ditas por essas terras fora. Há mobilização nas pessoas e nos grupos. São os Gaiatos do Padre Américo! É uma graça presenciar todas estas reacções.

É, pois, com agrado que damos a conhecer o calendário de algumas:

- 24 de Abril — 21.30 h, Salão de Festas da Casa do Gaiato — MIRANDA DO CORVO.
- 9 de Maio — 21.30 h, Cine-Teatro da LOUSÃ.
- 16 de Maio — 21.30 h, Salão dos Bombeiros Voluntários de ANADIA.
- 21 de Maio — 21.30 h, Cine-Teatro de ARGANIL.
- 22 de Maio — 21.30 h, Salão dos Bombeiros Voluntários de TOMAR.
- 23 de Maio — 17.30 h, Teatro Académico Gil Vicente em COIMBRA.
- 30 de Maio — 15.30 h, Casino da FIGUEIRA DA FOZ.

Oportunamente daremos conta da Covilhã, Castelo Branco, Mealhada, Cantanhede, Leiria e Aveiro. Contamos com a presença de muitos dos nossos Amigos.

Padre João

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

DOENTES POBRES — São pedras vivas da acção vicentina.

Vamos agora acudir a outra mulher doente, pobre, divorciada — que será objecto, no hospital, do bisturi dos clínicos — pedindo-nos ajuda material para si e pró filho que a faz velha. Ela é o ganha-pão do seu lar (...).

Muito a propósito, o Santo Padre instituiu, a 11 de Fevereiro de há seis anos, o Dia Mundial do Doente, «ligando a sua celebração para sublinhar, também, simbolicamente, a intervenção da Mãe de Deus como medianeira de quem se vê confrontado com a doença e o sofrimento. Não se trata duma iniciativa de carácter pietístico, de culto ou de concentração em um local que tem como área de actividade a saúde» — esclarece o autor que citamos, um leigo cristão responsável, na diocese do Porto. «Trata-se tão simplesmente — acrescenta — de apresentar, de forma sucinta e facilmente assimilável, aspectos da doutrina e da vida real da Igreja, enquanto comunidade viva e actuante daquele Senhor que afirmou ter vindo para curar os enfermos. Trata-se de mobilizar vontades, esforços e inteligências para acolher, respeitar e ajudar todos os fragilizados pelo sofrimento, pela doença, pelos males do espírito e do corpo». E continua:

«Lembra-se a todos os cristãos a irrecusável participação nos cuidados a prestar em saúde através da educação, da adopção de hábitos de vida sãos, do apoio concedido aos doentes, mormente aos Pobres, visitando-os, confortando-os, ajudando-os nas suas necessidades materiais e espirituais. A Igreja nada

mais faz que não seja declarar-se fiel ao seu mandato e natureza, como sempre de novo têm afirmado os pontífices deste século, particularmente Pio XII e João Paulo II, que de forma contínua intervêm nesta área: definindo princípios éticos e morais, criando organismos como o Conselho Pontifício para a Saúde ou a Academia para a Vida; apoiando o trabalho dos cristãos que se dedicam aos doentes; encorajando todos os esforços para diminuir a carga da doença; colaborando com as organizações internacionais, etc.; e todas as medidas que, respeitando a dignidade humana, contribuem para uma vida mais saudável e mais feliz.»

PARTILHA — Na procissão temos, à frente, as caras habituais com amor crescente pelos que sofrem mais.

A assinante 31254, de Fiães (Feira), manda dez mil escudos para «ajudar na reconstrução da casa do senhor idoso», que referimos em uma das últimas edições, e, parte do restante é «a mensalidade de Fevereiro». É curiosa a legenda de F. Bacon impressa na carta: «A amizade duplica as alegrias e divide as tristezas por dois».

Lisboa: o cheque da assinante 31104, pedindo: «Rezem por mim e para que Deus se digne aceitar» a intenção expressa. Já nos penitenciamos pelo lapso.

«A pequenina lembrança de Fevereiro», na mão da «Avó dos cinco netinhos» — de Setúbal.

Assinante 19148, do Porto: «Como 'renúncia quaresmal' segue uma pequena quantia que gostaria, se assim o entenderdes, fosse aplicada na vossa 'afrita' farmácia de apoio aos Pobres. Peço uma oração pela minha querida esposa, falecida há três meses». Cumprimos religiosamente.

Vinte mil, da assinante 113, também do Porto: «De

momento é o que é possível porque há que repartir e as necessidades são cada vez mais. Obrigada por me ajudarem a ajudar». Gratidão cristã!

Outra vez Porto: um assinante, da Avenida Antunes Guimarães, lamenta não nos encontrar, «desta vez, quando veio entregar a (sua) 'desobriga' habitual» e deixa uma bolada para os nossos Pobres.

Três mil, do costume, pela mão do assinante 42971, de Ovar, «por diversas intenções».

Assinante 24851, de Algés, com três mil, «para uma viúva aflita».

Em vale do correio, cinco mil, da assinante 68495, de Braga, «para ajudar os Pobres».

O dobro, da assinante 47307, de Juncal, cuja filha agradece a «companhia que O GAIATO lhe faz».

Fecha a procissão a assinante 18801, do Barreiro: «O vosso trabalho está inserido nas obras de misericórdia. Ilumina a nossa caminhada e deixa-nos inquietos. Vai essa ajuda que também significa que chega até nós e nos interpela e desinstala».

O nosso endereço: Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO, 4560 Paço de Sousa.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS

«Oh, meu irmão, há quatro meses que não recebo nada! Sou estudante, ando no quarto ano e o meu país ainda não mandou nada. Não tenho com que dar de comer ao meu filho.»

Cruzava-se comigo muitas vezes. Sempre o vi com um sorriso educado. A surpresa obrigou-me a pensar se não seria uma habilidade ou se o dinheiro não seria para outros fins.

Recordo-me que há algum tempo atrás os meios de informação deram a notícia de que estudantes doutros países não recebiam as suas bolsas, talvez devido a atrasos no envio, e que lutavam com dificuldades pedindo ajuda aos colegas.

Ainda com a imagem bem presente deste chefe de família que luta para manter a dignidade e não levar com o rótulo e a humilhação daqueles que nunca sentiram o que é ter necessidades, não basta dizer «há muito trabalho; que trabalhem» ou, ainda, de alguns que por estarem ligados a certos meios atiram com força «que deixe de ser orgulhoso e peça». Era bom que uns e outros reflectissem na pobreza encoberta que infelizmente aumenta.

Bom seria que, nesta Quaresma, nos interrogássemos: Qual é a nossa missão nesta curta passagem pelo Mundo? Como receber o Senhor Resuscitado?

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — De Coimbra, cheque de quinze mil escudos. Assinante 62550, dez mil. Igual quantia do assinante 22855.

Entregue no Lar do Porto, cinco mil. De M.M., doze mil. Assinante 17991, vinte e cinco mil. Mais dois mil, da assinante 20617 e de J.R.D.

Bem haja a todos pela ajuda que nos dão.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000 Porto.

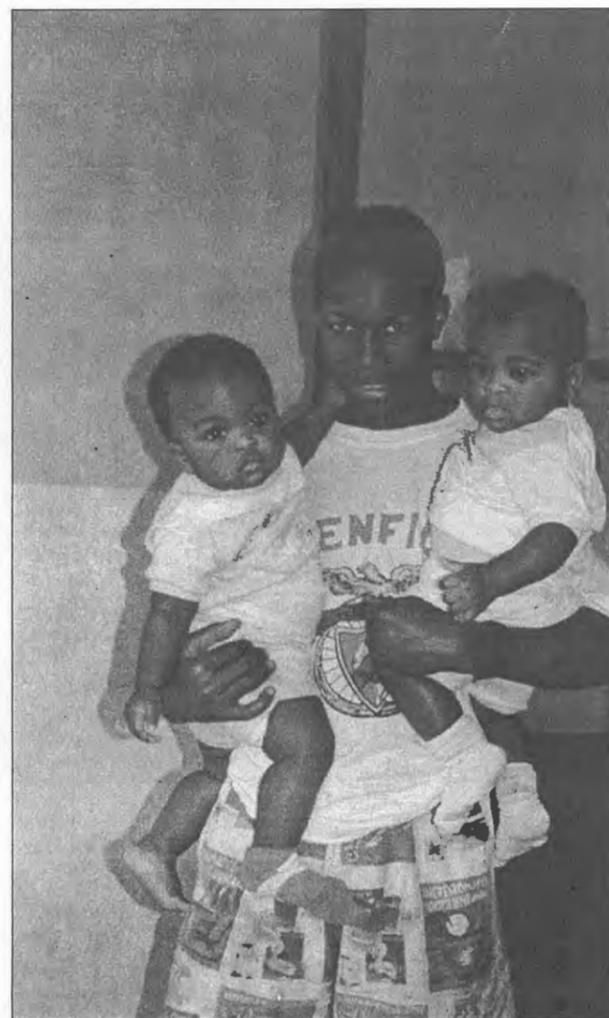
Adelaide e Zé Alves

MIRANDA DO CORVO

FESTAS — Parte das nossas Festas já estão marcadas. Temos vindo a ensaiar muito para conseguir os nossos objectivos que é aquilo que nós esperamos. Alguns ensaios têm sido realizados até muito tarde, mas com força de vontade lá vamos conseguindo. Contamos com a vossa presença.

QUARESMA — Faltam poucos dias para a Páscoa. Durante quarenta dias temos a chamada Quaresma. Temos vindo a fazer um jejum. Tere-mos a triste notícia da morte de Jesus mas será uma vitória a Sua morte, pois morre por nós e elevar-se-á ao Céu. Tentamos imitar Jesus em vencer as dificuldades do dia-a-dia.

ESTUDO — Os nossos rapazes estão cada vez mais a



Moçambique — Eles são: o António Romão com o Lucas e o Emanuel.

agarrar-se ao estudo, embora os resultados não sejam favoráveis. Alguns, com dificuldade; outros, não aproveitam as capacidades que têm. Seria bem melhor se houvesse uma melhoria. Assim todos nós ficaríamos mais contentes. Vale a pena frequentar a escola para um dia sermos alguém.

PECUÁRIA E CAMPO — Durante as férias de Carnaval podámos as oliveiras dos bataréus, para que espessem mais depressa. Cortámos a lenha que serve para nos aquecermos nas nossas lareiras.

Uma porca deu à luz sete leitões. Uma dádiva da Mãe Natureza.

DESPORTO — A malta da Casa tem sentido a falta de adversários para duelos futebolísticos. O nosso campo já está pronto para os receber. Durante este tempo temos vindo a jogar: Coimbra contra Miranda, isto é, os do Lar contra os de Miranda. Felizmente as vitórias têm sido favoráveis aos estudantes do Lar.

CARAS NOVAS — Chegaram a nossa Casa quatro irmãos guineenses. O Reinando, o Gerson, o Cristiano e o Natanael — o mais novo que tem dois anos.

Chegou um rapaz que veio da Casa do Gaiato de Benguela para fazer tratamento aos ouvidos.

Outra cara nova: o Zé, de seis anos, de Torres Vedras. A sua vida foi muito traumatizada

porque qualquer coisa que lhe façam ou digam, ele começa a gritar e a chorar.

FESTA DA D. ROSÁRIO — Mais um dia de festa em nossa Casa. Tal como a D. Maria da Luz, também a D. Maria do Rosário fez cinquenta anos de serviço à Obra da Rua. Estiveram alguns dos senhores Padres da Obra. E todos lhe prestámos a devida homenagem com muita alegria e carinho.

Domingos

SETÚBAL

NINHOS — Está a chegar o tempo dos ninhos. A rapaziada gosta muito de ir aos ninhos tirar os pássaros para criar: melros, pintassilgos, verde-lhões, papa-moscas, corvos, mochos, gaios, pardais, rolas, pombos-bravos, carriços, corujas, etc. Mas só tiram quando têm penas que é para não morrerem.

A malta gosta muito de tratar dos pássaros, de brincar com eles e ensinar a voar, mas também temos pena dos pais porque sabemos que ficam tristes e choram.

VINHA — Nestes tempos estivemos a tratar da vinha. Podámos as videiras, os pesse-



BODAS DE OURO — À volta do Altar Eucarístico, num acto de louvor e acção de graças, reuniu-se a Família desta Casa do Gaiato de Miranda do Corvo.

Pai Américo, obviamente, esteve presente e associou-se ao acto; Padres e Senhoras das outras Casas, alguns antigos gaiatos com suas esposas e filhos, estando também presentes irmãos de sangue da jubilada.

Motivo: celebrar as Bodas de Ouro da doação à Obra da Rua, da senhora D. Maria do Rosário.

À Eucaristia, seguiu-se o jantar festivo, pois o dia era de festa. Tudo simples. Tudo discreto, como agrada ao Senhor e à D. Maria do Rosário.

Cinquenta anos de doação aos outros é de almas grandes que, na simplicidade da sua vida, sabem viver o Evangelho: «... Quem quiser ganhar a Vida, há-de perder a vida».

Era o dia litúrgico da Apresentação do Senhor. Em 1949, uma jovem apresentou-se a esta Família para a ela se dar e, ao longo de 50 anos, tem-se dado totalmente. Tem sido a mãe, para muitos que a não tiveram...

Que a Senhora da Luz, neste dia invocada, seja a sua Estrela a iluminar-lhe os passos, de forma a merecer a prometida recompensa do cêntuplo: «cem por um e a Vida Eterna»!

Aqui fica a nossa prece ao Bom Deus e à Sua e nossa Mãe e um grande bem haja à Senhora D. Maria do Rosário!

Trindade

ENCONTROS em Lisboa

SEMPRE me impressionou o Domingo de Ramos. O Senhor entra solenemente na cidade de Jerusalém. Foi a pureza de uma manifestação espontânea.

Gente simples, conhecedora do Mestre. Dia após dia, Jesus de Nazaré esteve a seu lado, ajudando a levar a cruz da vida e sempre com uma saída de esperança. Foram os pecadores, e de uma maneira especial os pecadores públicos, de todos conhecidos e por todos escorraçados. Foram os que andavam como ovelhas sem pastor. Foram os doentes e aleijados, sempre sem lugar na sociedade e para quem sobram, por vezes, algumas migalhas caídas da mesa. Foram as crianças acolhidas como um tesouro. Foram mães e foram pais ansiosos pela vida dos filhos. Todos eles sentiram em Jesus a proximidade de Deus Pai, o acolhimento que em nenhum outro encontraram.

Não sei como interpretar esta espontaneidade. Ela surge porque se querem ver coisas novas. Nova forma de vida na relação entre as pessoas, novo acolhimento, novo perdão e nova esperança. Poderíamos quase dizer: o sonho saiu do coração humano e espalhou-se pelas ruas de Jerusalém. O Senhor estava com eles, tinham que fazer uma festa.

Se quem tem a sabedoria para decidir das coisas da Liturgia me perguntasse, um dia, a minha opinião sobre o Domingo de Ramos, eu diria que nos deixassem viver a alegria dessa manifestação e que o Evangelho fosse só a

güeiros, as macieiras e as ameixieiras. Depois frezamos o terreno, raspamos a erva, para não atrapalhar as videiras, e pusemos adubo.

Antes fazíamos o vinho na nossa adega — pisávamos as uvas, etc. Agora, mandamos as boas uvas para Palmela, para fazerem o bom vinho para beber. Nós gostamos de tratar da vinha.

Filipe André

ESCOLA — O Firmino anda a ajudar a D. Lucília nas limpezas da escola. No fim dos intervalos também ajuda a trazer os mais pequeninos para as salas. Muitas vezes é preciso ir buscá-los ao fundo do pomar porque não ouvem chamá-los: só querem brincar e espalhar-se pelos campos.

Ele cuida bem dos miúdos e gosta deste trabalho, mas o

entrada solene de Jesus em Jerusalém. Seria de alegria e de festa. Que se mostrassem os coxos, os cegos, os surdos, os doridos de coração e de alma, os famintos de uma palavra amiga e que tivessem todos a alegria de imaginar nova vida, e novo caminho de esperança.

Não entende assim a sabedoria da Igreja e, logo no Domingo de Ramos, temos a Liturgia a proclamar a Paixão do Senhor, como que a dizer-nos que o dia da alegria foi sol de pouca dura.

Os poderes constituídos depressa se aperceberam que tanta espontaneidade levaria a modificações do seu estatuto e a mudança é sempre perigosa para quem está bem instalado. Não admira, pois, que todos se tivessem coligado para

dizer não à novidade. Por razões diferentes, é certo, mas os poderes religiosos, políticos, militares e económicos encontraram maneira de se unirem para dizer não à esperança. Jesus de Nazaré tinha que ser eliminado.

É verdade que, depois da Ressurreição, nas estradas da vida, nos novos caminhos de Emaús, muitos homens e mulheres vão encontrando o Senhor Jesus. Muitos poderão dizer como os discípulos: «Não nos ardia cá dentro o coração, quando Ele nos falava no caminho e nos desvendava as Escrituras?»

Um destes dias, numa reunião com jovens duma escola, fui questionado sobre o que fazia a Igreja diante dos problemas em debate tais como as crianças, a toxicodependência, a prostituição, a falta de habitação. Lá fui respondendo e, se é verdade que muito se faz, senti também que muito há ainda a fazer para que os Pobres possam fazer uma festa e sentir que não estão sós.

Padre Manuel Cristóvão

SETÚBAL

O Mário

ÉRAMOS para ter apanhado uma camioneta de laranjas no sábado e não pudemos por causa da chuva que caiu abundantemente.

Esta segunda-feira amanheceu com um sol magnífico e uma temperatura primaveril a convidar-nos ao campo.

Este grupo de quatro rapazes oriundos da Capital tem-nos dado água pela barba. De manhã não têm escola por se integrarem em

turmas que, nesta parte do dia, frequentam a Academia de Dança Contemporânea.

Com eles e mais alguns a quem faltou o professor, fomos para o pomar colher os formosos frutos. O terreno coberto de um ameno tapete salpicado de lindas florzinhas amarelas confundia-se com a ramagem das laranjeiras bem decoradas de vistosos pomos.

Os rapazes mais pequenos e mais leves subiram às árvores acompanhados de baldes que penduravam nos galhos até os encherem, descendo-os aos companheiros que os despejavam em caixas de plástico.

contrato é só para este ano lectivo...

Amândio

FESTAS — Já começaram os ensaios para as Festas grandes. O responsável é o Sousa, com a ajuda dos rapazes mais velhos.

Vai haver comédia, peças, canções e uma mão-cheia de números de dança.

Os ensaios que dão mais trabalho são as danças com os miúdos pequenos. Com os médios também é difícil porque fazem passos muito puxados.

O que as pessoas gostam mais é de ver os pequenos dançar. Por isso é preciso ensaiar muitas vezes para não darmos barraca, porque sabe bem ver as pessoas contentes e a bater muitas palmas à gente.

Carlos Firmino

Uma carta

«Fez dia 13 que o Senhor chamou para Si o meu querido marido.

Depois de 57 anos da maior felicidade que se pode ter neste mundo tive o desgosto enorme de sentir a sua falta e também a alegria e a certeza de que ele está junto do nosso Pai do Céu e a olhar por todos nós que cá ficamos.

Tenho quase 84 anos, vejo muito mal, estou muito surda, mas todos os dias dou graças ao Senhor por

DOCTRINA

A Obra da Rua seduz. Todos a conhecem e querem chamar-lhe sua.



Recebi infinitos donativos com palavras amigas e dez escudos «de uma pobrezinha», como me disse a própria que ma deu. Mulher do nosso povo, amiga da tradição e da humildade rasteirinha que se vê de muito longe — contente com uma túnica. E também houve um *leilão à americana*, feito com livros de Antero de Figueiredo, aqui presente, oferecidos e autografados por ele mesmo. Alguns foram a seiscentos escudos!

NÃO vim aqui a quinzena passada dar o meu recado por ter estado nas Caldas do Gerês. Fico sempre muito arrependido quando falo alto ao Pobre que me procura na sua pavorosa miséria e tenho para mim que a virtude destas águas há-de suprir a minha impaciência. Assim o espero.

NINGUÉM quer tomar lições da grande lição que anda no ar. Os senhores mai-las senhoras chegam todos os dias em grande estado, com malas de porão, como quem vai dar a volta ao Mundo — tantas coisas para mostrar. Não queiras ter duas túnicas!

TRATAM-ME aqui muito bem. A Obra da Rua seduz. Todos a conhecem e querem chamar-lhe sua.

P. Américo!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.ª vol. — Campanha de 1943 a 1944)

Foi um trabalho intuitivo e fácil de realizar.

Ensinei-lhes como se despejavam as laranjas dos ramos e o cuidado a usar nos despejos dos baldes nas caixas para não amachuca-rem a fruta.

Ao ver o Mário tão delicado na sua tarefa e ao pressentir o prazer com que se empenhava, estremei de alegria, parecendo-me ver a natureza a cantar a razão da sua existência, com o menino em cima da árvore.

A sua história é tão triste! Apesar da tenra idade! Não tem pai. A cédula não o regista.

A Revolução prometeu acabar com os filhos de pai incógnito. E acabou. Agora não se escreve filho de pai incógnito! Não. Não se escreve nada. O que é muito pior. Antes a organização social reconhecia a sua incapacidade. Hoje, não. É covarde. Risca e mais nada! Se a primeira versão era

injusta, esta é cruel pois proclama aos quatro ventos os direitos da criança, negando-lhe, à nascença, o basilar direito de ter pai.

Vivendo em várias colocações familiares arruinou tragicamente a própria textura afectiva, até que ninguém mais o aceitava, tornando-se uma criança insuportável.

A sua mãe, infectada com o vírus da sida, continua a vender-se desgraçadamente! «Eu quero sair desta vida!...» — confessava-me num choro que jamais esquecerei!...

A gente tem a alma tão

marcada por sofrimentos indizíveis que não admira o nosso radicalismo. Daí a necessidade de pedir perdão!... Que as pessoas boas, com vidas boas, nos perdoem. Eu não tenho emenda!...

Ao ver o menino inundado pela beleza natural deste trabalho, empoleirado nas frondosas laranjeiras, eu bem-disse a Deus por lhe ouvir dizer: — *Hoje ando mesmo contente!* Expressão que nos confirma o encontro consigo mesmo no encanto natural que lhe era oferecido.

Padre Acílio

Páscoa

Continuação da página 1

Jesus bem conhece a fraqueza do homem. E porque a experimentou — «pelo muito que sofreu, aprendeu o que é obedecer» — não deixa sós os homens na sua mortificação indispensável para que ressuscitem com Ele e «se tornem herdeiros da Vida Eterna». LÁ, na Sua glória, «à direita do Pai», Ele permanece em Acção Redentora, agora não mais pelo Seu sofrimento (este foi um primeiro tempo, eficiente em mérito fundamental e de uma lição) mas por compaixão dos homens, «deglutens»..., dilacerando as mortes que o crucificam, para que se tornem menos crueis, mais proporcionadas à sua natural debilidade — para que eles as aceitem corajosa e decididamente sentindo-O presente, sentindo o Seu bafo.

Foi esta a experiência, foi esta a grande lição Pascal que Pai Américo nos deixou, na sua, talvez, mais íntima confidência: «Não posso dizer que tenha suado sangue, mas sei o gosto do martírio. Porém, foi nessas horas que senti mais forte o bafo de Deus».

Com esta força pôde ele ser o homem que foi, que nós temos por santo.

Padre Carlos

me ter dado filhos tão bons e netos tão queridos.

Leio, embora com dificuldade, o jornal O GAIATO que é sempre fonte de meditação e acção de graças por uma Obra tão grandiosa que, à semelhança do Pai Américo, vão fazendo caminhar e progredir para o bem tantas e tantas crianças abandonadas.

Com toda a gratidão pelo bem que O GAIATO me tem feito, peço uma oração para que o Senhor me vá preparando nesta caminhada para Ele.»

Assinante 14612

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Fraternidade

Logo de manhã partimos de casa em direcção ao centro do País. A primeira paragem foi em vila ligada à história da Obra da Rua, cujos hospitaleiros habitantes Pai Américo recordava com saudade.

Dali tinham pedido a nossa ajuda para família a ficar numerosa cuja casa de habitação necessita urgentemente de obras. Senhora da Fábrica da Igreja prontificou-se a ir connosco e fomos observá-la.

Não posso descrever, com inteira realidade, o que os nossos olhos viram e a minha sensibilidade registou. Junto à estrada, capoeiras e pequeninos currais com aspecto de abandono, davam o tom do resto. Logo

a seguir, em pátio interior, estavam dois pequenos compartimentos. Um deles com montes de roupas sujas. O outro, a servir de cozinha, à porta com uma rima de cascas de laranja, pratos sujos no chão, a um canto no lugar da lareira, panelas abandonadas com restos de comida, todo o aspecto muito sujo e em desalinho que revela o estado do costume.

Subimos a escada de três degraus e entrámos na casa. Só tem dois pequenos quartos, desarrumados, e um pequenino quarto de banho. São quatro filhos e só apareceu a mais velhinha. A mãe estava internada na Maternidade para dar à luz mais um filho. O pai é servente de obras e andava a

trabalhar. Aquela família tem de viver toda naquele reduzido espaço. O aspecto das paredes exteriores é de abandono. Remendos de reboco nas paredes e a reclamar uma volta de cal.

Compreendemos a aflicção das senhoras da Conferência Vicentina à procura de ajudas para despesa grande de aumentar com uma cozinha e um quarto e reparar toda a habitação, para dar resposta à urgência das obras feitas.

Sem o mínimo espaço e com grupo grande de crianças não é fácil haver ordem e o asseio e a educação é mais difícil. Ali mesmo prometi a nossa ajuda e quero alertar mais uma vez para todos os que ainda têm consciência sensível



Habitação de Pobres a necessitar urgentemente de obras

para o problema da habitação dos Pobres.

Retomámos a estrada e só fomos parar à sede da autarquia, cujo pároco tem procurado ajudar muitas famílias a reparar as suas casas, construindo casa de banho se ainda a não têm, e acabar casas feitas de novo

à espera de mãos dadas. Aconselhando e animando muitas mães para que seus filhos não faltem à escola por não terem livros ou material escolar, pondo nas suas mãos algum auxílio.

Deixámos-lhe cheque assinado e animámo-lo a que não desfaleça neste seu servir o Senhor servindo os

irmãos mais necessitados e mais aflitos. Almoçámos com ele, aflito porque tem cinco paróquias à sua responsabilidade e não vê capacidade de ser bom pastor.

Continuamos a nossa viagem à procura da Fraternidade.

Padre Horácio

BENGUELA

Quem nos dera a paz!

ESCREVO em plena Quaresma. É o Domingo quarto. Em Angola, este dia foi consagrado à Reconciliação Nacional. Os meios de comunicação social levaram a mensagem da Igreja a todos os cantos, pela boca dos seus Bispos. A um dos lados dos beligerantes pediram que depusesse as armas e enveredasse pelos caminhos da paz. Ao outro lado, pediram também, com a mesma força, que encontrasse, por todos os meios, uma alternativa para a guerra, já que este é o caminho mais horrível, que ceifa vidas e mais vidas, qual monstro insaciável.

Quem nos dera a paz! Quem nos dera ver este povo feliz, a andar de um lado para o outro, sem medo, sem perigo; a trabalhar nas suas lavras para colher o pão de cada dia; a não andar de mão estendida, aos montes, a mendigar o que a terra lhe pode dar com um bocadinho de trabalho! Quem nos dera deixar de ver as crianças, de olhar assustado, a fugir como as cabras do mato, ao menor sinal de presença do «inimigo!» Pobres crianças! Geradas e criadas no medo, a sua vida é marcada pela insegurança e pela agressividade.

Sentimos, como nunca, quão necessária é a nossa Casa do Gaiato, como oásis de paz e segurança para estes filhos. Temos que ter cuidado para que não se aproveitem da situação em que vivem e venham a sentir-se mais que os outros. Queremos dar-lhes o comum necessário, sem perderem o sentido das suas raízes, como condição para se manterem solidários com as outras crianças que não têm o que eles têm. Tenho receio, por vezes, de criar situações artificiais que os separem, no sentimento, do mundo real onde vieram e existe à sua volta. Elevar, sim, sem matar a fraternidade. É por isso que, de olhar muito atento, procuramos ajudá-los a respeitar a comida, o vestuário, o calçado e tudo o mais que as outras crianças não têm. É uma forma de ajudar os outros. Também os pais podem e devem fazer o mesmo com os seus filhos. Há tanto que se estraga, por esse mundo fora! Os pais e os filhos esbanjam a comida que é dos outros. A palavra poupar foi banida do vocabulário social, em muitos sectores. Por isso a injustiça é maior.

Não me esqueço da fatura e da alegria que veio depois, ao receber um contentor

com material escolar, desde os cadernos aos lápis, às esferográficas, às resmas de papel e a muito mais. Vim a saber que tudo ou quase tudo estava fora de uso na terra donde veio, só porque passara de moda. Bendita lembrança de quem nos mandou tão valiosa oferta! Foram milhares de crianças que beneficiaram e continuam a beneficiar. A propósito, o meu coração começou a afligir-se por ver que o material escolar está a ir ao fundo. Não sei como hei-de fazer. Espero confiante. As crianças estão em matrículas, que o ano escolar começa no próximo mês. A nossa escola ficará cheia no 1.º e 2.º níveis. Os resultados do ano transacto, neste grupo, foram bons. Por outro lado, as portas da escola do 3.º nível e do ensino médio, neste ano, abriram-se de par em par. Quanta simpatia para com a Casa do Gaiato! Foi um peso muito grande que saiu dos meus ombros. Quem dera estes filhos dêem o

devido valor a quem os quer ajudar duma forma tão calorosa! Bendito seja Deus!

Os campos estão a ficar lindos. Depois da experiência com o algodão estamos lançados no projecto «milho novo». Colaboramos nestes programas, incentivados a nível oficial, porque, em primeiro lugar, damos trabalho. Depois, com toda a simplicidade o digo, há uma intenção de testemunho. Onde se pode trabalhar, deve-se trabalhar. É chocante ver áreas grandes de terrenos onde não há guerra, incultas, porque faltam iniciativas. Quer dizer que a guerra não pode ser desculpa para todas as desgraças. Há, sim, desmotivação. Queremos reagir. Temos em nossas mãos os filhos que hão-de ajudar Angola a andar para a frente.

Não voltaremos a ver-nos antes da Páscoa. A todos desejamos uma Páscoa renovadora.

Padre Manuel António

Calvário

Continuação da página 1

Quando, porém, este pensa e age por critérios eternos, o Espírito está presente e os frutos são positivos, duradouros e benéficos para todos.

Ora, aqui em Casa, não são o dinheiro, o lucro, a vaidade, os valores materiais que impulsionam a labuta diária. É o amor, o bem, a alegria, que empenham e fazem girar estes doentes.

Deus serve-Se normalmente dos fracos e dos débeis para confundir os fortes, os poderosos, os inteligentes.

Quando vejo a mongolóide a dar de comer, a tratar meigamente outro doente; quando dou com um voluntário a perder o seu tempo desinteressadamente nos trabalhos mais modestos desta Casa, sei que é o Espírito de Deus quem actua.

E descobrir isto é descobrir Deus actuando, porque o Bem é sempre o Espírito que o sugere e produz; o Amor é sempre Ele que o comunica.

Descobrir isto é descobrir a presença invisível do Espírito. É ver o invisível. Aliás esta é a mensagem mais profunda do Evangelho: «Quem me vê, Filipe, vê o Pai».

Quem descobre isto, descobre o infinito. O infinito está pois ao alcance de todos.

Nós precisamos de andar atentos para ver onde Deus actua. E Ele actua sobretudo nos simples. O homem moderno enreda-se nas coisas materiais e não dá pelas que o não são.

Recordo-me de ouvir Pai Américo, numa reunião que fez connosco, Padres da Rua: «Eu não preciso de milagres na Obra para saber que Deus está nela. Eu Sinto-O. Eu apalpo-O todos os dias com as minhas mãos».

A sua mensagem ficou e tentamos entendê-la no nosso dia-a-dia, pois dela recolhemos o fruto que alimenta e conforta.

A luz da copa continua acesa. As doentes lavam os últimos pratos. E eu, no escuro da noite, tento ver a presença clara do Mestre que as motiva e ensina.

Padre Baptista

Benguela — apanha do algodão

